

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR**Elaine de Sousa Costa Vieira**

(Pós-graduanda em Metodologia do Ensino Superior pela FAHESA)

E-mail: lanynha@hotmail.com

Com o objetivo de refletir sobre a formação dos professores do ensino superior este ensaio remete o leitor a ter uma ideia da falta de capacitação didático-pedagógica na maioria de seus docentes. Bem como questionar a responsabilidades das Instituições no sentido de colaborar com essa formação e analisar os reflexos negativos na qualidade do ensino superior.

Palavras-chave: formação dos professores, Responsabilidade das Instituições, Qualidade do ensino superior.

With the objective to reflect on the formation of the professors of superior education this assay it sends the reader to have an idea of the lack of didactic-pedagogical qualification in the majority of its professors. As well as questioning the responsibilities of the Institutions in the direction to collaborate with this formation and to analyze the negative consequences in the quality of superior education.

keywords: formation of the professors, Responsibility of the Institutions, Quality of superior education.

1. A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR

O Ensino Superior no Brasil foi marcado pelo modelo “francês napoleônico” isso quer dizer que ele desde o início se preocupou apenas com a formação profissional dos alunos, com o mercado de trabalho com uma orientação exclusivamente profissionalizante.

Cada vez mais, a formação dos professores é responsabilidade das universidades ou dos institutos de ensino superior. Por isso, as instituições universitárias são fascinadas pelos saberes, o que é normal, pois sua vocação fundamental é a de enriquecê-los e transmiti-los (PERRENOUD, 2002).

De acordo com Gil (2005), a preparação do professor universitário ainda é bastante precária. Seguramente a maioria dos professores brasileiros que lecionam em estabelecimentos de ensino superior não passou por qualquer processo sistemático de formação pedagógica. Porém esse cenário vem aos poucos sendo mudado, há estabelecimentos isolados de ensino superior oferecendo cada vez mais cursos de Metodologia do Ensino Superior em nível de especialização.

Muitos profissionais do ensino superior não assumem sua identidade docente, e encaram sua atuação como uma complementação salarial, a grande maioria atua também em outras áreas e por isso não dispõe de tempo para aperfeiçoamento como também não encontram incentivos por parte das instituições.

O que tem acontecido na maioria das vezes é que se admitem professores no ensino superior sem a devida capacitação e apenas quando a situação dos mesmos se torna insustentáveis (isso na opinião explícita dos discentes) é que as universidades têm a necessária iniciativa de preparar esses profissionais. Os novos processos para contratações ainda passam por lentas mudanças, mas em muitas instituições já se têm substituído processos de seleção como contratações por indicação, titulação acadêmica e prática pedagógica.

O ideal é que esse processo seletivo acontecesse como já acontece em Universidades Públicas, realizado por uma banca examinadora composta de três membros (podendo um deles ser professor de outra instituição de ensino superior, desde que portador do título de mestre ou doutor) e designada pela Coordenação do Curso, mediante três fases sucessivas:

1. Prova de títulos de natureza classificatória;
2. Prova didática de natureza classificatória;
3. Entrevista de natureza eliminatória.

Sem nenhuma sombra de dúvida, com a modificação dos processos seletivos ascendentes a docência, isto é, adotando critérios claros, as IES e a comunidade acadêmica universitária ganhará em qualidade digna de reconhecimento.

O autor que embasou este ensaio coloca com clareza a inexistência de qualquer dúvida que há sim, uma necessidade do professor universitário dotar-se de conhecimento e habilidades de natureza pedagógica. É notável e cada vez mais freqüente alunos de cursos universitários, apreciarem as competências técnicas de seus professores e criticarem sua didática.

Segundo Perrenoud (2002), temos que reconhecer que a formação acadêmica dos professores é inferior à sua formação didático-pedagógica e que o desequilíbrio é grande no ensino médio e maior ainda no superior, já que uma parte dos professores ocupa sua função sem ter nenhuma formação didática. Como esse profissional contribuirá para a formação de seus alunos se ele mesmo não se caracteriza no exercício de sua profissão?

Os professores de ensino fundamental e médio passam por um processo de formação pedagógica ao longo do curso Normal ou Licenciatura, o que não acontece com a grande maioria dos professores do ensino superior.

As universidades não contribuem para essa formação pedagógica dos professores e segundo Godoy, 1988, p.31 nas instituições denominadas de ensino superior, o 'ensino' nem sempre é levado em conta. A própria LDB não contribui para uma mudança nesta situação, pois no seu artigo 65 estabelece que: "A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá a prática de ensino de, no mínimo trezentos e sessenta horas."

Nessa relação não há vencedores, mas apenas perdedores, isto é: perde o ensino em qualidade, perde o discente em aproveitamento e, sobretudo perde as ciências em seu desempenho. É necessário acabar de uma vez por todas com a cotidiana cena teatral dentro de sala de aula, onde o professor faz de conta que ensina e o aluno faz de conta que aprende.

Do ponto de vista pedagógico, é totalmente incoerente algumas universidades admitirem em seus

quadros essa categoria de "professores", mesmo contrariando os movimentos estudantis liderados por acadêmicos que primam pelo ensino de qualidade. Esses acadêmicos certamente são os que mais perecem com esse caos no ensino superior; ensino que antes na visão dos mesmos, era o sonho de academia na essência da palavra, sonho que aos poucos foi sendo enterrado a cada período, a cada chegada de "professores" que pareciam mais perdidos do que um cego em meio a um tiroteio. Tiroteio no qual esses acadêmicos são bombardeados em seus sonhos de um ensino com qualidade e ética. E por falar em ética quero aqui compartilhar com aqueles que se propuserem a ler este ensaio uma experiência que tive como acadêmica onde uma "professora" sem a mínima condição de estar em sala e, certamente causou tremores ao redor do túmulo do grande filósofo Jean Jacques Rousseau ao afirmar categoricamente que ética é, segundo ela, quando chegamos a um restaurante e somos bem atendidos por seus garçons. Esse bom atendimento, essa atenção dispensada por aqueles profissionais traduz em uma única palavra no seu "resumidíssimo" conhecimento científico, a saber, ética.

Diante disso vale aqui ressaltar que para ensinar o professor necessita de conhecimentos e práticas que ultrapassem o campo de sua especialidade. Segundo Libâneo (1998), cada docente deverá ter uma diretriz orientada da prática educativa.

O prestígio de uma universidade é medido por seus cursos de pós-graduação e pelas pesquisas que promove. O professor por sua vez tende a ser valorizado por sua titulação e por seus trabalhos científicos. Mas seu mérito enquanto professor não é avaliado (Gil 2005, p. 16).

Para mim é conflitante essa situação, porque de um lado o ensino fundamental e médio prima pela valorização da prática, da didática e da boa pedagogia com o intuito de oferecer um ensino de qualidade contribuindo para uma formação ampla dos educandos. E por outro lado, isto é, no ensino superior estas questões são relegadas a um plano inferior. Na verdade a valorização da prática, da didática deveria ser uma prática continuada na formação de professores em qualquer nível de ensino.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo percebe-se que pelo quadro atual é necessária uma mudança drástica no aspecto da formação docente no ensino superior, e que estas instituições estipulem critérios claros a respeito de admissão de professores em seus quadros, e que passe necessariamente, como por exemplo pela valorização da prática desses professores.

Para Pimenta (2002), é preciso considerar que a atividade profissional de todo docente possui uma natureza pedagógica, isto é, vincula-se a objetivos educativos de formação humana e a processos metodológicos e organizacionais de construção e apropriação de saberes e modos de atuação.

Por isso, para ensinar o professor necessita de conhecimentos e práticas que ultrapassem o campo de sua especialidade, e isso quase sempre não acontece no ensino superior.

Segundo Libâneo (1998), cada docente deverá ter uma diretriz orientada da prática educativa., por isso é que, conforme Paulo Freire (2002), na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática.

Os docentes do ensino superior necessitam compreender a dimensão do campo em que atuam, não olhando apenas para a profissionalização dos educandos, mas terem a preocupação de ultrapassar esse campo profissionalizante no intuito de formar também cidadãos críticos e conscientes.

Defendo veementemente que as universidades tenham como política institucional a capacitação de seus professores de forma continuada, estando os mesmos no mínimo aptos a ministrarem aulas em suas respectivas disciplinas específicas, como também em Metodologia do Ensino Superior onde os mesmos dominariam procedimentos para alcançar seus objetivos, seriam aptos na elaboração de planos de ensino na seleção de conteúdos, na escolha de estratégias de ensino e instrumentos de avaliação e aprendizagem.

Estando também capacitados na “arte e na ciência do ensino” que é como se costuma definir a Didática.

3. REFERÊNCIAS

- PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2005.
- GODOY, Arilda Schmitdt. **Didática para o ensino superior**. São Paulo: Iglu, 1988.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.
- PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

